

VISÃO DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: PROCESSO DE MOVIMENTOS E DESDOBRAMENTOS

Maria Auxiliadora Lisboa Moreno Pires¹

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo procura discutir a educação à distância em geral, e a visão do ensino, em particular, como um todo coerente, o qual nunca é estático ou completo, mas um processo de movimentos e desdobramentos. A própria ciência está exigindo uma visão do mundo nova e não fragmentária, no sentido de que a atual abordagem do ensino analisa o mundo em partes independentes, e é preciso, isto sim, aprender de novo, observar e descobrir por nós mesmos uma nova estrutura que não seja tão inclinada à fragmentação como é a atual.

Com o advento da nova onda do uso das tecnologias na Educação, perspectivas estão sendo colocadas e desejadas para a reconstrução de um sistema educacional de qualidade, que atenda às necessidades e expectativas da sociedade, por um sistema mais democrático, eficiente e, sobretudo, com equidade e justiça social.

Diversificar oportunidades de acesso ao ensino de qualidade constitui-se em novos desafios para antigos problemas – através da intervenção pedagógica com o uso das novas tecnologias, com uma formação adequada dos professores para atuarem em programas em Educação à Distância (EAD) – o que nos faz refletir sobre as possibilidades que poderão proporcionar na construção dos saberes indispensáveis à formação do cidadão.

Segundo Polak (2002), “[...] é um engano pensar em trabalhar com educação à distância dispondo da mesma estrutura utilizada na educação presencial. A EAD requer estrutura específica”. O ensino tradicional, nesta perspectiva, dificulta qualquer tentativa de mudança, de inovação. A educação é extremamente conservadora. As instituições não conseguiram ainda mudar seus paradigmas. A exploração de novos ambientes, a busca e a investigação, a liberdade de ir e vir na construção do conhecimento, que ocorre de modo não linear, permitem a globalização da oferta e da procura de programas educacionais na modalidade da Educação à Distância, em todos os níveis de aprendizagem, derrubando os muros, ultrapassando fronteiras e espaços geográficos.

2. PERCORRENDO O CAMINHO EM EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Na preocupação com a capacidade do aluno aprender, consideramos, dentre outros aspectos, que a preparação de futuros profissionais para o mercado de modo a atender às especificações exigidas para os novos postos de trabalho somente é possível por meio de novas práticas educacionais, e as tecnologias da informação podem contribuir com um suporte pedagógico a partir do desenvolvimento de projetos, ou mesmo, programas mediados pela tecnologia.

A tecnologia insere-se numa perspectiva crítica, exigindo uma reflexão e um conhecimento mais aprofundado, não só dos aportes teóricos, como também das experiências que este texto proporcionará no sentido da construção de um conhecimento com a melhor qualidade possível.

Henri Janne (*apud* FAURE, 1974), sublinha:

A educação, nesta perspectiva, constituirá amanhã um conjunto coordenado, cujos setores serão estruturalmente integrados; será universalizada e contínua; do ponto de vista de pessoas, total e criativa: por consequência, individualizada e

¹ Professora, Mestre em Educação, do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Católica do Salvador – UCSal e da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

autodirigida. Será o suporte e animador da cultura, tanto como com o motor da promoção profissional. É esta a revolução cultural do nosso tempo.

Permeando todos esses princípios com base nos elementos anteriormente citados, acreditamos num modelo como um *mix* de tecnologias com momentos presenciais, outros de ensino *on-line*, adaptação ao ritmo individual, mais interação grupal, avaliação mais personalizada (com níveis diferenciados de visão pedagógica), multimídia, interação *on-line* e *off-line* – conectados com a vida do aluno, capaz de acelerar e qualificar o processo de democratização das oportunidades, da própria cidadania, buscando o constante desenvolvimento humano, e, assim, contribuindo para o aperfeiçoamento das pessoas numa dimensão ética e solidária.

Estas palavras traduzem a nossa reflexão na perspectiva da mudança, da transição e da necessidade de a educação adotar tecnologias e métodos pedagógicos mais adequados para acelerar e qualificar o processo de universalização da cidadania.

A adoção de um sistema de EAD, com base nos elementos anteriormente citados, comporta várias formas já existentes. Portanto, considerando que, em muitas situações, a Internet pode não ser viável, num país como nosso, com tantas desigualdades sociais, acreditamos neste modelo. Ainda, podemos manter cursos por correspondência, fitas cassete, vídeos, canais fechados, videoconferência e, pela Internet, conforme o grau de sofisticação dos aportes dos recursos.

3. O DESAFIO E A ESTRATÉGIA

As reflexões e os questionamentos que geram este estudo nasceram, em parte, de nossa larga experiência como professora de escolas públicas, e, durante os últimos cinco anos, como docente de vários cursos de capacitação de professores no Estado da Bahia.

Vários encontros de professores, sob as formas de palestras, seminários, jornadas e semanas pedagógicas, realizados em escolas da capital e do interior do Estado da Bahia, contaram com a participação de professores de diversas áreas, coordenadores pedagógicos das escolas públicas e alunos dos cursos de formação de magistérios e de licenciaturas de algumas universidades do Estado da Bahia. Em diferentes momentos, esses encontros constituíram-se em fonte de informações sobre os principais problemas e dificuldades enfrentados por esses profissionais, na tentativa de romper com práticas tradicionais e buscar alternativas para enfrentar os desafios da sociedade com relação à melhoria da qualidade de ensino.

Percebemos, nesses contatos, em diferentes momentos, que a queixa principal de muitos dos professores era a falta de oportunidade para participarem dos cursos de atualização profissional nesta área de ensino. Apesar dos esforços da Secretaria da Educação em oferecer esses cursos, a demanda é, ainda, considerada alta. Esses professores apontavam justamente a ausência de capacitação específica como sendo uma das principais causas para a falta de atualização dos métodos e técnicas de ensino, somada à dificuldade de promover mudanças na prática docente sem esse conhecimento. A necessidade da busca permanente de atualização por parte dos professores faz com que a educação à distância no Brasil constitua-se num item constante nas agendas das políticas públicas educacionais – não somente no que se refere às possibilidades da ampliação de vagas, bem como na democratização do acesso ao ensino – mas, principalmente, pela possibilidade do professor ou estudante não ser obrigado a freqüentar aulas presenciais e poder optar, de acordo com suas condições e limitações, em que modalidade de ensino deseja participar.

Em geral, os professores consideravam muito importante a participação nos cursos de capacitação como via de atualização e reciclagem (como muitos se referiam aos cursos) para a introdução de mudanças no ensino, em sala de aula.

Além disso, alguns desses professores associavam diretamente a importância dos cursos de capacitação ao fato de que estes lhes possibilitariam o recebimento de vantagens financeiras na carreira do magistério, com a apresentação dos certificados de conclusão.

Muitas vezes, o principal obstáculo apontado pelos professores estava no reduzido número de vagas disponibilizado pela rede – o que impede a participação em muitos dos cursos.

Um outro problema apontado estava nos diversos fatores que torna proibitiva a participação dos professores, dentre estes: a questão da frequência – que implica em deslocamentos das suas cidades, as despesas financeiras, as interrupções das aulas com prejuízos para os alunos etc.

Micotti (1998), num estudo sobre o professor e as propostas de mudanças didáticas, destaca, entre outros resultados da sua pesquisa, que “[...] em se tratando de mudanças de ensino, o professor tem a última palavra. Dele depende se, e em que medida, elas devem ocorrer”. E, naturalmente, isso será mais fácil de ser praticado a partir de um novo modelo de condução de aulas, por exemplo, sem que ele as tenha vivenciado.

Esta dificuldade revela uma preocupação em traduzir neste trabalho os desafios postos à educação na sociedade contemporânea. Ciente de que as demandas dessa sociedade, inevitavelmente, são refletidas na escola, mediamos este texto pela certeza de que analisar o papel da educação à distância no contexto atual implica em interpretar e intervir, já que estes são os caminhos a serem trilhados pela comunidade escolar na formação dos sujeitos, a qual passa pela apropriação dos conceitos e dos procedimentos básicos da EAD para a formação do futuro cidadão que se engajará no mundo do trabalho, das relações sociais, culturais e políticas.

Para exercer plenamente a cidadania é preciso ter acesso às informações que estão presentes na sociedade. Nesses dias tecnológicos, nos quais o acesso à informação torna-se cada vez mais fácil, a sociedade enfrenta o desafio de disponibilizar de forma democrática a socialização do conhecimento. Paralelo a isso, surge o desafio de problematizar questões importantes, como os meios de ação em direção à conquista de ideais de realização de todo ser humano.

Showers e Bennett, citados por Garcia (1995, p. 65), apresentam os resultados de uma investigação sobre a formação contínua dos professores, que, a nosso ver, constituem uma síntese de algumas idéias já discutidas até aqui e de outras que antecipam as reflexões sobre o ensino à distância, considerando que a EAD pode superar vários problemas de ordens social, cultural e econômica:

- a) O que o professor pensa sobre o ensino influencia a sua maneira de ensinar, o que torna necessário conhecer as concepções dos professores sobre o ensino;
- b) Os professores são capazes de utilizar nas suas aulas qualquer tipo de informação, desde que se lhes proporcione uma preparação que contemple as seguintes fases: apresentação da teoria; demonstração da nova estratégia; prática inicial; retroação imediata;
- c) É provável que os professores utilizem estratégias e conceitos novos se forem auxiliados por especialistas ou colegas durante a fase de experimentação;
- d) A flexibilidade de pensamento ajuda os professores a aprenderem novas destrezas e a incorporá-las no seu repertório pessoal;
- e) Parece não ter importância o lugar e o momento em que se realiza o desenvolvimento profissional;
- f) O sucesso das práticas de aperfeiçoamento não depende do fato de serem os professores a organizar e a dirigir o programa, ainda que isso facilite a coesão social entre professores.

No entanto, muitas questões não foram respondidas em relação aos cursos de capacitação de professores. Pensamos que é fundamental aprofundar o conhecimento das estratégias e procedimentos da formação continuada dos professores, numa perspectiva que supere as práticas atuais, que continuam, como destaca Garcia (1995), “[...] a basear-se mais na intuição e na

experiência do que no conhecimento científico disponível”. Para ele, “[...] o modelo de ensino e o modelo de professor assumido pelo sistema educativo e pela sociedade têm de estar presente, impregnando as atividades de formação de professores, em todos os níveis”. E faz-se necessário pensar no processo ensino-aprendizagem, desempenho dos professores e dos alunos, mudanças na prática da sala de aula.

A gestão de programas de EAD envolve atividades complexas, de natureza interdisciplinar, em que o pedagógico é tão importante como o organizacional.

Há todo um movimento no sentido de repensar o papel da educação numa sociedade dinâmica, em constante transformação. Procuramos, sobretudo, sair de um modelo de ensino extremamente autoritário – sem modificações significativas há décadas, preso a regras e seqüências rígidas de exposição dos conteúdos, muitos deles obsoletos – que não atende às expectativas da sociedade, no que respeita ao desafio que é posto pelo mundo contemporâneo: educação de qualidade para todos os alunos.

Sob essa perspectiva, Moraes (1997) apresenta uma análise do atual movimento que tenta encontrar um novo referencial para o ensinar e o aprender na escola. Ela explica que é fundamental a busca dos elementos necessários para construir um modelo educacional dinâmico, capaz de gerar novos ambientes de aprendizagem que comportem as dimensões do fenômeno educativo enquanto processo de (re)construção do conhecimento.

Os modelos (rigorosos e lineares) de ensino, amplamente utilizados até o início da década de 70, com ênfase no conteúdo enquanto conhecimento logicamente organizado, não respondem mais a contento às demandas de uma população escolarizável, que têm objetivos bem definidos, pois está voltada para a conquista de um lugar no mundo do trabalho. Esses modelos de ensino revelam-se pedagogicamente inadequados ao aluno e geram, conseqüentemente, dificuldades na aprendizagem.

Para superarmos um modelo de ciência do passado, é perfeita a perspectiva de Moraes (1997) sobre a busca de um modelo educacional mais integrativo, de ações práticas que possibilitem ao aluno ampliar e transcender os limites de uma educação puramente formal para uma educação planetária, rompendo os obstáculos e barreiras para um sistema de trocas recíprocas, a partir das mudanças na área educacional. A autora defende, ainda, que um novo modelo educacional, como um movimento dinâmico do vir-a-ser, de processo de construção do conhecimento, em oposição a um conhecimento estático, fragmentado, venha a ensinar que

[...]. Uma ciência do passado produz uma escola morta, dissociada da realidade, do mundo e da vida. Uma educação sem vida produz seres incompetentes, incapazes de pensar, construir e reconstruir conhecimento e realizar descobertas científicas. Uma educação antiquada leva o indivíduo a pensar que os pensamentos científicos são fatos isolados e independentes. Uma escola morta, voltada para uma educação do passado, produz indivíduos incapazes do autoconhecimento como fonte criadora e gestora de sua própria vida, da autoria de sua própria história. (MORAES, 1997, p. 19).

Boaventura (1998) escreveu um artigo em que aborda o tema educação numa perspectiva planetária, cujos traços essenciais apontam para uma direção comum com o pensamento de vários autores (D’AMBROSIO, 1993, 1996a, 1997; MORAES, 1997), na busca de uma educação plena, para além da educação básica:

[...]. Partindo da educação de base escolar, regular, formal e sustentada pelo Estado, ainda muito precária ou mesmo inexistente principalmente no interior de municípios, pode-se projetar uma educação na perspectiva planetária pelas suas múltiplas manifestações.[...] Planetariamente, é preciso considerar o currículo como uma busca da paz e uma conquista dos direitos humanos, do homem – infante, criança, adolescente, adulto e idoso – e da mulher, cidadã prestante com acesso – e sucesso – às carreiras e às ocupações do mercado de trabalho.

Há necessidade de se encontrar novos caminhos. É uma possibilidade bastante viável a proposição de um novo paradigma, como explica Moraes (1997), que reconheça as conexões existentes entre o processo do pensamento e de construção do conhecimento, e suas relações com o contexto sociocultural, numa visão holística, global, sistêmica da educação, dentro de uma perspectiva planetária.

Para Boaventura (1998, p. 5),

[...]. Um dos efeitos dessa abordagem planetária é a adaptação dos currículos escolares às novas realidades contemporâneas [...] a educação na perspectiva planetária como corrente de pensamento torna-se uma abertura maior para o currículo e uma ação que influencia métodos, enfoques, conteúdos de ensino e aprendizagem [...] as alternativas propostas aos alunos não podem ser as mesmas dos últimos anos.

O acesso às informações e ao conhecimento exige um sistema educacional dinâmico, aberto e que responda satisfatoriamente aos interesses da sociedade. Repetir aquilo que foi ensinado, não será suficiente para permitir o acesso à sociedade do conhecimento. Novos papéis para o professor e para o aluno, com ênfase, sobretudo, na criatividade, estão destinados a esses sujeitos, como explica D'Ambrosio (1999):

[...]. Sem dúvida, aquele professor que vê passar informações, ensinar algo, repetir conhecimentos feitos e congelados, e cobrar aquilo que ensinou, está com os dias contados. O novo perfil do professor é fundamentalmente o de um facilitador da aprendizagem do aluno e de um companheiro da busca do novo.

Desse modo, o autor destaca que esses novos papéis, desejáveis para professor e aluno, necessitarão de mudanças conceituais na educação. Em decorrência, os sistemas educacionais devem centralizar suas ações nos seguintes objetivos: “[...] i) possibilitar a cada indivíduo atingir seu potencial criativo; ii) estimular e facilitar a ação comum com vistas a viver em sociedade e exercer a cidadania” (D'AMBROSIO, 1999, p. 35).

De um lado, o ensino deixou de ser visto apenas como transmissão de conhecimento pronto e acabado, e aprender deixou de significar receber informações e repetir sem refletir. Por outro lado, o professor deixou de representar uma figura passiva, assim como o aluno, para juntos assumirem uma posição ativa, crítica, consciente, capaz de selecionar ações e conduzi-las, com sucesso, nas relações de ensino e aprendizagem.

A vivência de situações desafiadoras, que permitam aos professores expressar-se através da utilização de vários recursos e técnicas para o exercício pleno e consciente da sua profissão, é fundamental não somente para garantir um ensino de melhor qualidade, como também para assegurar uma maior participação dos professores em todas as etapas do processo ensino-aprendizagem de matemática – desde o planejamento, a seleção e a organização dos conteúdos, até a conseqüente execução das atividades programadas.

Consideramos importante essa discussão preliminar dos estudos precedentes sobre o tema proposto para este artigo, vez que é preciso entender os cenários, as implicações, o impacto da EAD, de forma que este possa ser percebido num contexto mais amplo e dentro do debate teórico existente.

O referencial teórico escolhido, portanto, consubstancia a nossa opção por uma linha pedagógica que contempla uma educação à distância voltada para o desenvolvimento humano, a formação integral, plena do indivíduo, de forma crítica, consciente, capacitando-o a viver numa sociedade pluralista e em constante transformação. Preconiza-se uma educação numa perspectiva planetária, que se distancia da educação como instrução, paradigma instrucionista, citado por Moraes (1997), a qual se constitui num sistema educacional fechado e estável, para uma educação como construção, paradigma construtivo, interacionista, sociocultural e transcendente, compartilhado por Moraes e D'Ambrosio (1999), num sistema educacional aberto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudar e o aprender faz parte da aventura do conhecimento. E conhecer é aventurar-se em um mundo esplêndido, de relações e significados. Um mundo de imagens, de representações que faz parte da própria história da humanidade.

Na sociedade contemporânea, estamos todo o tempo decifrando, registrando, recriando informações que mudam com muita velocidade e modificam a forma como interpretamos a nossa realidade histórica e cultural. Cabe ao docente experimentar modos de investigação da dinâmica da sociedade considerando as velocidades do nosso tempo e as de outras épocas, antigas e novas demandas discentes. Estamos destinados à incerteza do futuro. É preciso preparar-nos para o mundo incerto e aguardar o inesperado. Cada um deve estar plenamente consciente de que sua própria vida é uma aventura, mesmo quando se imagina estar concluindo uma etapa na formação profissional. Nesse sentido, sublinha Faure (1974), com os Fundamentos da Educação para o Século XXI, documento produzido pela UNESCO:

[...] a educação tem lugar em todas as idades da vida e na multiplicidade das situações e das circunstâncias das existências. Retoma a verdadeira natureza que é ser global e permanente, e ultrapasse os limites das instituições, dos programas e dos métodos que lhe impuseram ao longo dos séculos.

Estas palavras traduzem a nossa reflexão na perspectiva da mudança, da transição e da necessidade da educação adotar tecnologias e métodos pedagógicos mais adequados para acelerar e qualificar o processo de universalização da cidadania. Estou convencida de que o melhor investimento que se pode fazer no ser humano é investir na sua educação. Traduz formação e desenvolvimento do ser humano. Ensino pode ser traduzido por arte ou ação, não de transmitir o mero saber, mas sim uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre. A educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, mais felizes, e nos ensinar a assumir e viver a parte poética de nossas vidas, como sublima Morin (2000).

Daí a responsabilidade dos organizadores de cursos em EAD na escolha das mídias instrucionais, que deve ser feita de forma criteriosa, levando em conta as características, necessidades e realidade do público-alvo, assim como os objetivos do produto. Sem dúvida, reunir um grupo de pessoas para conversar, discutir, trocar idéias ou mesmo tirar dúvidas sobre temas, determinados ou não (BENTES, 2002), é uma das grandes vantagens que a tecnologia possibilita ao usuário.

Tecnologias com o uso da voz: telefone, audioconferência, rádio, áudio-sob-demanda, CD, audiocassete, etc. trazem ao usuário, aluno e professor, uma proximidade mais real, vez que a criação dos materiais instrucionais deverá levar em conta o relativo isolamento do estudante de EAD. Dessa forma, o planejamento de um programa de EAD deve ser feito de modo a oferecer um ambiente de aprendizagem motivador, com a utilização de materiais, recursos instrucionais de elevada qualidade educacional e um adequado sistema de interatividade entre o tutor e o participante(s), assim como entre os participantes.

Apesar de tantos avanços tecnológicos na sociedade contemporânea, ainda assistimos à realidades sociais nas quais nem sempre se pode contar com as modernas tecnologias da comunicação para executar-se um curso à distância – devido à falta de instalações de rede de telefonia para agilizar o intercâmbio dos participantes dessa modalidade de ensino.

Para realizar um curso à distância que atenda a essa realidade, faz-se necessário que se estabeleçam procedimentos alternativos, os quais garantam o atendimento e o acompanhamento dos alunos dessas regiões.

5. REFERÊNCIAS

BENTES, R. de F. Mídias em educação à distância. In: POLAK, Y.N.S (Org.). **A construção do percurso em educação à distância**: formação de tutores. Curitiba: Ed. Do Autor, 2002.

BOAVENTURA, E. M. Por que educação na perspectiva planetária? A Tarde, Salvador, 5 jul. 1998. Cad.2, p.5.

D'AMBROSIO, B. Formação de professores de matemática para o século XXI: o grande desafio; Pro-Posições, v.4, 1[10],MAR. 1993 pp. 35-41.

_____. **Da realidade à ação**: reflexões sobre educação e matemática. São Paulo: Summus; Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1986.

_____. **Globalização e multiculturalismo**. Blumenau: FURB, 1996b.

FAURE, E. **Aprender a ser**. Lisboa: Bertrand, Difusão Européia do Livro, 1974.

FREITAS, K.S.; KARAM, L.C.M. Educação aqui, ali e acolá: ontem, hoje e amanhã. Gerir: Informativo do Programa Gestão Participativa com Liderança em Educação. Salvador, PGP/LIDERE, v.7, 20, jul./ago.2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA, M. C. A. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. pp. 53-76.

LEVY, P. Educação e cybercultura. Disponível em:
<http://www.portoweb.com.br/pierrelevy/textos.html>. Acesso em: 2 abr. 2003.

MEC quer capacitar professores sem tirá-los da sala de aula. Folha de São Paulo, 05 fev. 1999.

O MEC quer melhorar a escolaridade do professor. A Tarde, Salvador, 05 fev. 1999.

MICOTTI, M. C. de O. O professor e as propostas de mudanças didáticas. In: SERBINO, R. V. et al. **Formação de professores**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

MORAES, M. C. O. **Paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1997.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PILATI, O. O. SAEB e a avaliação do ensino de matemática na 1ª, 3ª, 5ª e 7ª séries. In: II **Seminário Novas Perspectivas da Educação Matemática no Brasil**, 2, Brasília, 1995. Brasília: INEP/MEC, 1995. pp. 11-29

POLAK, Y. N. S. (Org) **A construção do percurso em educação à distância**. Formação de tutores. Curitiba: Apta, 2002.